



### III SEMANA DA MATEMÁTICA DO IFES/VITÓRIA Vitória, 12 a 14 de novembro de 2013

---

## UM INTÉRPRETE E DOIS MUNDOS: DOS SURDOS E DOS OUVINTES

**Thamires Belo de Jesus; Ludmyla Sathler Aguiar do Nascimento; Edmar Reis Thiengo**

Instituto Federal do Espírito Santo

*thamiresbelo@yahoo.com.br; ludmylasathler@gmail.com; thiengo.thiengo@gmail.com*

**Palavras-Chave:** Intérprete Educacional. Alunos surdos. Ouvintes. Professor de matemática. Inclusão

### INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos surdos nas salas de aulas regulares perpassa por uma série de fatores de suma importância para sua efetivação, como formação inicial e continuada dos professores, materiais didáticos adequados, presença da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e atuação do Intérprete Educacional (IE).

Em relação ao IE, verifica-se uma necessidade de maiores estudos que venham apresentar realidades de atuação deste profissional, visto que, existem poucos estudos no Brasil no que diz respeito ao intérprete. (LACERDA; BERNARDINO, 2010; LACERDA 2003; LACERDA 2009). Desta forma, em face da relativa carência em pesquisas com foco nas experiências dos intérpretes no Brasil, torna-se importante discutir o papel do IE nas aulas de matemática, suas possibilidades de atuação, e os obstáculos por ele enfrentados, sendo este o objetivo deste estudo.

A atuação da Libras abrange uma série de contextos, levando o intérprete a atuar em diversas áreas para garantir a comunicação entre surdos e ouvintes, ou surdos e surdos. Destacamos a atuação do Intérprete Educacional, que recebe esta nomenclatura, instituída em diversos países, para diferenciar o intérprete de forma geral, daquele que atua em sala de aula. Visto que, o IE além de interpretar se envolverá em certos casos, com as práticas educacionais, pois o espaço onde se encontra requer o favorecimento da aprendizagem por parte do aluno surdo (LACERDA, 2009).

Frente ao exposto, observamos que quando o Intérprete de Língua de Sinais (ILS) é inserido no contexto da sala de aula regular, o aluno surdo ali presente terá a possibilidade de receber as informações na Libras por meio de uma pessoa com domínio de sua língua. Um marco da conquista destes sujeitos veio com a lei 10.436/2002 que refletiu na garantia de que os surdos fossem educados em Libras, levando a necessidade de inserção de mais um profissional nas salas de aulas, o intérprete educacional.

Lacerda e Bernardino (2010) ressaltam que o papel do ILS em sala de aula assume múltiplas funções, como ensinar língua de sinais, atender as demandas pessoais dos alunos, atuar frente ao comportamento do aluno, estabelecer uma posição adequada em sala de aula em relação a alunos surdos e ouvintes, atuar frente a dificuldades de aprendizagem do aluno; aproximando-o muito de um educador. Trata-se de um cenário, onde o intérprete ultrapassa os limites impostos ao seu papel e atua como um educador. Um educador atento às dificuldades, mediando e favorecendo a

aprendizagem dos surdos, tornando máximo o aproveitamento das informações discutidas pelo professor.

Entretanto, é preciso salientar que, o IE não deve substituir o papel do professor. Sendo este o responsável pelo planejamento das atividades, pela decisão de qual metodologia utilizar para abordar os diversos conteúdos, pela criação de estratégias de avaliação. Não obstante, por conhecer bem os surdos e sua língua, o intérprete pode colaborar com o professor, sugerindo exemplos de atividades, esclarecendo os pontos de maior dificuldade enfrentados pelos surdos, objetivando um trabalho conjunto que busque uma inclusão mais harmoniosa dos surdos (LACERDA, 2009).

## **METODOLOGIA**

A investigação deste estudo baseou-se na observação da atuação do intérprete nas aulas de matemática da 7ª série de uma escola municipal localizada no Município de Vitória, Espírito Santo que possui uma aluna surda, além de entrevistas e questionários. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada que segundo Laville e Dione (2008, p.188) “trata-se de uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento”, além do uso do questionário para questões complementares. O registro das informações foi feito por meio do diário de campo. Foram elaboradas quatro perguntas para a entrevista: I. Quais os maiores obstáculos que o intérprete enfrenta nas aulas de matemática? II. O que você faz quando não entende algum conteúdo explicado pelo professor de matemática? III. Como você procede após uma pergunta da aluna surda sobre o conteúdo?

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após a investigação identificamos que o enquanto o professor passa o conteúdo no quadro, o intérprete fica no final da sala ou fora da sala para não tirar a atenção dos alunos, e no momento em que o professor começa a explicar o conteúdo ele senta ao lado da aluna para interagir com ela em relação ao conteúdo, visto que, ele não apenas traduz as palavras ditas pelo professor mais cria estratégias para levar até a aluna as informações ditas pelo professor, e isso requer mais do que tradução, mas também interação e explicação.

Quanto aos maiores obstáculos enfrentados pelo intérprete nas aulas de matemática ele não hesitou em dizer que um complicador é que o professor dificilmente explica o conteúdo sem o apoio do quadro branco, desta forma, a aluna surda deve atentar-se a duas situações, distintas, porém importantes, a primeira refere-se aos sinais sinalizados pelo intérprete referente ao assunto abordado pelo professor, e a segunda situação refere-se aos símbolos inseridos pelo professor no quadro, que auxiliam no entendimento. Desta forma, qual seja o local para onde ela direciona o olhar, o todo não será entendido por, pois os sinais e símbolos matemáticos devem atuar de forma indissociável.

Além disso, o intérprete afirmou que, pelo fato da matemática utilizar símbolos do cotidiano, como letras do alfabeto, e palavras que possuem significado particular na matemática, ele não pode traduzir “ao pé da letra” tudo que o professor diz, porque se assim proceder, estará apresentando um cenário descontextualizado para a aluna surda.

Quando abordado sobre suas atitudes ao não entender determinado conteúdo explicado pelo professor, o intérprete afirmou que quando ele conhece um conteúdo abordado pelo o professor faz a explicação diretamente para a aluna. Porém quando ele desconhece o conteúdo, primeiro ele assiste à aula do professor para entender o conteúdo, e posteriormente explica para a aluna surda. Além disso, quando tem alguma dúvida sobre algum tema abordado pelo professor ele se remete ao

professor para sanar as dúvidas e posteriormente explica para a aluna surda. Desta forma, observamos que, em muitos casos, o intérprete atua também como um aluno ao atentar para a explicação do professor a fim de compreender as palavras ditas por ele e, posteriormente levar para a aluna surda.

Em relação aos procedimentos adotados pelo intérprete quando a aluna surda faz alguma pergunta sobre determinada dúvida a respeito do conteúdo, o intérprete afirmou que age basicamente de duas formas, se ele tiver conhecimento do assunto e ver que tem condições de responder a pergunta da aluna ele responde sem remeter a pergunta ao professor; entretanto se ele não souber responder ele leva a dúvida ao professor de matemática; após a ter entendido as explicações do professor ele leva a resposta para a aluna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na observação, análise dos dados e fundamentação teórica constatamos que o domínio e o conhecimento da língua de sinais, apenas, não são suficientes para o desempenho eficaz da atividade do IE na disciplina de matemática, levando-o a buscar recursos como livros, ilustrações ou outros materiais suplementares para auxiliar no ensino de matemática para os surdos. Além disso, identificamos que é importante que o IE tenha conhecimento dos conteúdos de matemática e acesso às metodologias escolhidas pelo professor para a abordagem dos conteúdos, visto que, muitas vezes ele precisa intervir ativamente, não só interpretando, mas também colaborando com outros exemplos e explicações. Por fim, identificamos que a tradução dos conteúdos matemáticos não são imparciais e neutros, visto que em muitos casos o IE utiliza estratégias próprias para traduzir os conteúdos. Estes resultados apontam para uma necessidade de planejamento conjunto das metodologias de aula, entre o intérprete educacional e o professor regente, onde o professor contribua com conceitos matemáticos e metodologias de ensino e o IE com seu conhecimento em relação à surdez.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: <<http://www.feneis.org.br/legislacao/libras/Lei%2010.436.htm>>. Acesso em: 10 mar. de 2007.

LACERDA, C. B. F. de. O intérprete educacional de língua de sinais no Ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades. In: LODI, A. C. B; et. al. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2003, p. 120-128.

LACERDA, C. B. F de. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LACERDA, C. B. F de; BERNARDINO, B. M. O papel do intérprete de língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. In LODI, A. C. B; LACERDA, C. B. P, et al. **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 65-79.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**; tradução SETTINERI, E. M. F. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.